

Abrem-se as cortinas

Por Eduardo Viveiros e Silvana Martinho

Polêmico, perspicaz e autêntico. Assim se caracteriza Sérgio Ferrara, responsável pela direção teatral de grandes artistas, como Paulo Autran e Raul Cortez, e de outros que ainda estão iniciando a carreira artística.

Ferrara nasceu para o teatro e é nele que se realiza. Suas peças nos revelam grandes introspecções, apontam aspectos curiosos e que fazem a platéia refletir sobre o algo a mais do texto, como fora em **Exercício para Antígona (1997)**, **Mãe Coragem e seus filhos (2002)**, **O Mercador de Veneza (2004)** e, recentemente, **O Inimigo do Povo (2007)**. Abaixo, entrevista com o teatrólogo Sérgio Ferrara.

AURORA – Fale um pouco sobre seu trabalho como encenador/diretor de teatro: como se aproximou do teatro, qual é seu gênero preferido, quais trabalhos você destacaria e quais são suas escolhas nessa arte.

Sérgio Ferrara - Eu comecei a fazer teatro, como todo mundo começa no Brasil, no teatro amador, porque no Brasil tem um movimento muito forte de teatro amador, que revelou grandes artistas. Por incrível que pareça “amador” depois passou a ser um termo pejorativo: aquele que “não sabe”. O movimento teatral era aquele que “não sabia”, mas assessorado por grandes artistas. Inclusive, havia uma troca muito grande.

Depois disso, eu fui estudar teatro. Fiz um tempo na Unicamp e entrei no Centro de Pesquisa Teatral, que é o CPT do Antunes Filho. E, realmente, lá no CPT foi minha grande escola de teatro. A minha convivência com o Antunes foi enriquecedora para o meu trabalho como artista, porque o Antunes me educou mesmo. Não só como artista, mas como pessoa, porque para o Antunes a arte é uma consequência da sua vida. O grande trabalho que ele faz é educar primeiro o artista para a vida. E depois você pode ser qualquer coisa, até artista se você quiser. O que é muito bom, porque aí a gente não se sente melhor que os outros. Como muitos artistas da Rede Globo e da televisão brasileira



acham que são mais importantes do que as pessoas, quando, na verdade, é um ofício como qualquer outro. É um ofício que tem que ser trabalhado com muito labor. É um trabalho longo.

Eu fiquei muito tempo no CPT. Depois que eu saí do CPT, participei da Jornada SESC de Teatro, que havia na época e preparava e lançava novos diretores. Participei da Jornada SESC de 1997, 1998... Enfim, uma série de Jornadas. A partir daí, eu comecei a desenvolver um trabalho mais profundo com direção. Até então eu dirigia, gostava de fazer outras coisas.

Em 1997 eu dirigi o Paulo Autran, na Jornada SESC, em “Exercício para Antígona”. A partir daí não teve mais volta, o trabalho teve um crescimento muito grande. Nesse ano, quando acabou a Jornada, o Paulo Autran tinha um cachê enorme do SESC para ser pago a ele. Quando eu fui entregar o cachê para ele, ele falou assim: “- Eu não quero. Esse dinheiro é seu, e você vai estudar teatro.” Eu fiquei um ano em Atenas estudando teatro grego. Foi muito bom! Foi um aprendizado fabuloso, dado de coração por um cara que era realmente de teatro, que era o Paulo.

Desde então, eu continuei o meu trabalho. Eu sempre tive sorte no meu trabalho, desenvolvi os projetos que eu quis. Sempre falo isso: a mesma energia que você gasta para fazer o que você não quer, é a mesma que você vai usar pra fazer o que você quer. Então é melhor fazer o que você quer. A dor-de-cabeça é igual. Então eu pude fazer Brecht, “Mãe Coragem e seus filhos”, com a grande atriz chamada Maria Alice Vergueiro, que é uma espécie de ícone da nossa geração, do teatro. Uma mulher que colocou o Brecht num patamar superior, no Brasil, não só pela interpretação, mas pela inteligência dela em relação a esse dramaturgo. Eu pude pedir para a Maria Adelaide Amaral - que é uma grande dramaturga, que ela escrevesse uma peça para mim sobre Tarsila Amaral, e ela escreveu. E foi ótimo eu poder contar a história dos modernistas no Brasil, escrita por Maria Adelaide Amaral. Quer dizer, sempre foram projetos pessoais e eu consegui encantar e apaixonar as pessoas. O Ignácio de Loyola Brandão eu consegui fazê-lo se apaixonar por Borges. Eu e Maria Bonomi conseguimos isso, e ele escreve e nós fazemos uma peça sobre Jorge Luis Borges. Não posso reclamar, nesse sentido. Sempre fiz os espetáculos que eu quis. Plínio Marcos... convivi com Plínio Marcos. Ele morreu com o

último espetáculo em cartaz, que foi “Barrela”, que eu dirigi. A última crônica que ele escreve, editada depois da morte dele num livro, que foi “Crônica dos Malditos, dos que não tem voz”... a última crônica ele faz em homenagem a mim, ou seja, ao trabalho que nós desenvolvemos com “Barrela” e “Abajur Lilás”.

Para mim sempre foi muito bom. E mesmo quando eu recebia convites (para dirigir peças), não eram projetos meus, eu recebia de pessoas com que era muito gostoso trabalhar. Por exemplo, quem me convidou foi Raul Cortez. Imagine, você receber um convite do Raul Cortez para dirigi-lo era uma honra. Eu só fico muito triste, porque quando eu me aproximei dessas pessoas maravilhosas elas morreram muito rápido. O Raul morreu, o Plínio morreu. O Paulo Autran já faleceu. A Lélia Abramo. É uma pena porque eram pessoas fantásticas. Foram pessoas lindas, de quem eu tive a chance de me aproximar, e muito cedo. Tenho 40 anos de idade e já fiz muitos espetáculos. Eu ganhei um prêmio APCA (Associação Paulista de Crítica de Artes) de melhor diretor com 33 anos. Então foi muito cedo, tudo. O que é muito bom, porque eu falo que você começa a virar um bom diretor a partir dos 60. Aí que você começa a entender o que você estava pretendendo fazer. Com 60 anos de idade. E tive a chance de trabalhar com Antunes Filho, tive a chance de ter a amizade do Fauzi Arap. É muito enriquecedor todo esse trabalho que eu fiz com essas pessoas.

AURORA – Você dirigiu peças como Exercício para Antígona (1997), Mãe Coragem e seus filhos (2002), O Mercador de Veneza (2004) e, recentemente, O Inimigo do Povo (2007). Em praticamente todos esses textos, clássicos do teatro universal, surge o conflito do indivíduo com o poder, através de mediações como a guerra, o interesse público, a “maioria compacta”, o lucro. Como artista, você parece querer expressar uma característica básica de Antígona, como você mesmo disse, a luta pelo “direito de opor uma verdade sem poder a um poder sem verdade”. Fale um pouco mais sobre isso.

Sérgio Ferrara – Todas essas peças têm em comum – e é isso que eu acho interessante – a nossa relação diante do poder. A transformação do homem através do poder. Que é uma

coisa que não muda no passar do tempo. Nós temos hoje a tecnologia, as pessoas na Antiguidade não tinham, mas o que nos une, que são as sensações e os sentimentos, são os mesmos. As nossas ansiedades internas, e os nossos anseios, continuam nos rondando. Quando eu dirigi, por exemplo, “Mãe Coragem e seus filhos”, foi muito interessante, porque as pessoas normalmente trabalham Brecht, depois trabalham Plínio Marcos. Eu primeiro trabalhei Plínio Marcos, que foi um dramaturgo que me colocou dentro dessa relação de desajuste social muito grande. E que me desafiou como diretor, para poder encará-lo, porque é um dramaturgo que não pode ser encenado sem verdade. Você não pode ornamentar Plínio Marcos. Ele é essencial. Ele é vital. E ali tem também uma relação muito forte do homem com a desesperança em relação à vida. É uma desesperança tão grande, tão grande que se torna trágica, do ponto-de-vista grego, a tragicidade do grego. E essa tragicidade é que faz com que você veja luz nessas pessoas. Elas na verdade se jogam no buraco imenso, procurando ficar iluminadas, porque não tem mais volta. A única coisa que tem é você procurar a luz através da própria destruição, porque o que nos sobra é a sobrevivência, e a sobrevivência está ligada a uma mutação constante em relação ao sistema social em que nós vivemos, que também faz uma mutação constante. É como se fosse um bicho de 100 cabeças, que está trocando a face a toda hora, e você não sabe para quem ele está olhando, o que é que vai te engolir. E quem cria tudo isso? O homem.

Tudo isso é fruto de quê? Da nossa própria construção como ser humano, diante daquilo que nós vivemos. Tem uma coisa que eu gosto muito de falar que o Leloup (Jean-Ives) fala, que eu adoro, é assim: não existe terra sagrada, não existe solo sagrado, o que existe é uma forma santa de andar sobre a Terra. Não existe uma “Terra Santa”, o que existe é uma forma santa de andar sobre a Terra. E tudo que nós criamos, na verdade, tem a ver com a nossa relação com o próximo. Se eu desconsidero você, como pessoa, eu me desconsidero também, e passo a achar que você é inferior a mim. No momento em que eu não olho mais para você como ser humano. Tanto a “Mãe Coragem”, tanto “Antígona”, tanto “O Mercador de Veneza”, “O Inimigo do Povo”, deixam claro essa relação que nós temos que ter com o coletivo.

Quando eu falo “o coletivo”, estou falando de quem? Estou falando da Humanidade, nossa relação com o próximo. Eu brinco muito, falo que o teatro é tão ingênuo, e por isso

maravilhoso, que nós vivemos num mundo onde a busca do poder é tão grande, tão grande, que nós ainda achamos que vamos mudar o mundo com a sensibilidade e o sopro divino que nós ainda temos na nossa criação, quase que artesanal, num mundo onde as pessoas estão cada vez mais pasteurizadas, cada vez mais insensíveis. Então, essa força divina, esse sopro tem que existir, e tem que acontecer, principalmente nesses textos que lidam com o homem de uma forma política – vamos falar assim – para que as pessoas tenham a percepção daquilo que elas não podem ser, o que elas não devem fazer.

No “Inimigo do Povo”, quando você tem uma personagem que está em busca de uma verdade, e que essa verdade, ela vai salvá-lo, enquanto ser humano, isso é um idealismo dessa personagem muito grande. É até ruim, porque hoje se você pegar uma pessoa que está extremamente emocionada com aquilo que ela quer defender, você vai achar que ela está confusa. E se você pegar uma pessoa que é extremamente fria, e até corrupta, no sentido de ter as palavras adequadas, a forma de falar adequada, mas o sentido daquilo internamente é completamente oposto do que ela diz – isso tem muito a ver com os políticos que nós conhecemos, em Brasília – ela te convence muito mais. Porque hoje o que interessa não é a paixão que nos move. As pessoas querem ser enganadas. É muito “louco” isso, a forma como as pessoas gostam de ser enganadas. E a única coisa que nos salva diante de tudo isso é o Humano do humano. É a frase de Brecht, isto aqui mesmo: “a astúcia de divulgar a verdade entre muitos”. É o Humano do humano. É isso que nós estamos perdendo cada vez mais. Esses textos devem ser encenados sempre, porque uma peça que é escrita em 1882, como “O Inimigo do Povo”, continua atual porque as pessoas estão manipulando cada vez mais, em nome do Poder. E essa manipulação existe, e esse tipo de classe social tem que existir, que eles chamam de pobres, e o Plínio chama de... dos desqualificados da sociedade. Mas na verdade, o próprio poder mantém esse tipo de classe, porque sem eles não são ninguém. É uma manipulação terrível. É preciso que haja o pobre... Olhe como eles pensam! É terrível isso! Para que eu possa me valorizar, enquanto político, para ter alguma coisa para dar. Quando na verdade eu não tenho que dar nada, porque é universal que todos nós tenhamos um mínimo possível de cultura, de saúde, de educação. Para que a gente possa criar. Para que se possa viver em paz. Então, no Nordeste, você dá comida. O cara vota em você, porque você dá uma cesta de comida

para ele. Porque se você fazer esse cara pensar, você vai ter que debater com ele de um ponto-de-vista político e social de uma forma muito mais ampla. Cai sempre nisso, na manipulação do humano, que é uma pobreza muito grande de espírito. Porque a gente nunca vai conseguir elevar a qualidade do pensamento, quando você manipula o outro através da fome. É difícil isso...

AURORA – Brecht, no texto “Cinco maneiras de dizer a verdade” diz, sobre a “astúcia de divulgar a verdade entre muitos”:

“Muitas pessoas, orgulhosas de divulgar a verdade, felizes por tê-la encontrado e talvez um pouco cansadas pelo esforço despendido em dar-lhe forma palpável, na espera impaciente da ação daqueles cujos interesses defendem, acham desnecessário utilizar ainda uma astúcia especial para divulgá-la. Muitas vezes essa atitude tira todo o efeito de seu trabalho.”

Você acha que é isso que falta ao Dr. Stockmann, astúcia para divulgar sua verdade?

Sérgio Ferrara – O Zé Ramalho tem uma música muito legal em que ele diz assim: “Quem souber o mistério, que tenha fé”. Eu acho isso muito interessante. É assim: se você souber a verdade, você que se cuide! Tenha muito cuidado, que você vai ser a primeira pessoa a ser massacrada. Isso até se você pensar do ponto-de-vista bíblico. Jesus Cristo foi crucificado. Uma metáfora bacana, não só como metáfora, como realidade também. É um problema você achar que a verdade te salva. Porque, num país onde as pessoas estão mais preocupadas com as relações espúrias que elas criam entre elas, e não numa relação de crítica verdadeira, aberta, inteligente, quando acontece algo de terrível, todas as pessoas estão, como se diz aqui no Brasil, com o “rabo preso”. Como acontece no Congresso Nacional, agora. É muito engraçado: as pessoas liberaram Renan Calheiros porque, se ele for falar alguma coisa que ele sabe, aquele Congresso inteiro afunda. Então é muito mais fácil absolvê-lo. “Nós fazemos um acordo de senhores”. Isso é uma loucura. Eu fico muito chateado com isso, na verdade, porque a gente acaba ensinando para as pessoas que é mais fácil você ser conivente, do que você realmente ser verdadeiro naquilo que interessa.

Nós moramos num país onde as pessoas conseguem trabalhos, empregos – não estou falando que é a regra geral, mas enfim... por serem filhos de pessoas famosas, e não por terem a capacidade e a competência de ser o que são. E isso... as pessoas metem o pau nos americanos - eu adoro - porque para eles o que interessa é a capacidade de você fazer acontecer. Num país onde o “business” toca as coisas para a frente. Se você tem qualidade e talento, você é aceito. Não precisa ser filho de ninguém. Não precisa ser protegido por alguém. Não precisa você fazer o jogo das pessoas, e continuar mantendo no país uma situação que já vem desde a descoberta do Brasil. É muito “louca” a relação que as pessoas no Brasil têm com o poder, e isso me deixa muito triste.

Portanto, quando nós montamos “O Inimigo do Povo”, eu via a revolta das pessoas na platéia quando percebiam a manipulação que estava sendo montada em cena. E elas ficavam chocadas com aquilo. Em algumas cidades do interior, as pessoas gritavam na platéia: “- Prefeito filho-da-puta!”. Assim, chocadas com aquilo. E outros riam muito, porque é uma forma de você rir de você mesmo, porque ninguém faz nada. Esse é o grande problema. As pessoas não se colocam verdadeiramente, também. Nós somos tratados da forma como a gente ensina que os outros nos tratem. Então, se você quer ser tratado assim, as pessoas vão te tratar assim. São os seus pensamentos, e as suas idéias que fazem com que o outro te veja como você quer. O Brecht tem aquela história engraçada, que eu adoro, não é bem assim, mas... “Um dia falaram mal dos negros, eu não me importei / Um dia falaram mal dos homossexuais, eu não me importei / Um dia falaram mal dos pobres, eu não me importei / Um dia falaram mal de mim / Como eu não me importei com ninguém, também ninguém se importou comigo / E aí me levaram também...”³. Quer dizer, é muito “louco” isso. Você estar cômodo. A miséria cultural, política e econômica no Brasil é tão grande, que as pessoas ficam na zona de comodidade. Se conformam com o pouco que têm. Isso não é uma regra. Graças a Deus, eu percebo

³ “Primeiro levaram os negros, mas não me importei com isso, pois eu não era negro... Em seguida levaram alguns operários, mas não me importei com isso, eu também não era operário... Depois prenderam os miseráveis, mas não me importei com isso, porque eu não sou miserável. Depois agarraram uns desempregados, mas como tenho meu emprego, também não me importei. Agora estão me levando. Mas, já é tarde! Como eu não me importei com ninguém, ninguém se importa comigo.”

que tem mudado muito. E cada vez mais as pessoas tem cobrado. Mas a elite política desse país ainda conserva um certo poder, e se mantém conchavada.

No “Inimigo do Povo”, falta astúcia ao Dr. Stockmann porque não adianta só você ter a verdade. Você precisa também saber fazer um jogo dialético. Um jogo onde você possa também ter o dom da persuasão. Um jogo dialético mesmo, de político, de você chegar lá. Não adianta você ser ingênuo no mundo hoje. Você precisa ter o conhecimento, mas mais do que ter o conhecimento, você precisa fazer com que ele seja socializado, para que você seja entendido. E esse entendimento não pode partir só do coração. Ele tem que partir da mente também. Porque o coração, muitas vezes, turva o racional. Então, você precisa ter um equilíbrio entre ambos, porque senão você não vai ser compreendido. Você vai mais vociferar, e “encher o saco” das pessoas, do que necessariamente se fazer compreender. Dr. Stockmann cai nessa armadilha. Isso é uma armadilha. Você tem que manter os dois lados em equilíbrio o tempo todo. E ele vai também “morrer” por um idealismo romântico. Não adianta você lutar com essas feras todas que nós falamos até agora, achando que elas vão te compreender porque você tem a verdade. Que bobagem. Pelo contrário, você vai ser o último a ser compreendido e, portanto, prepare-se para que haja uma batalha muito grande. Então eu acho que ele também peca por idealismo. E é isso que o Ibsen coloca, que eu acho muito bonito, que é essa guerra entre idealismo e vida, que a gente tem constantemente. Essa guerra constante, esse conflito entre idealismo e a vida, o real.

AURORA - Seu próximo trabalho é a montagem e direção de “Imperador e Galileu”, de Ibsen. O que o levou a continuar com o autor norueguês e a encenar o confronto entre paganismo e cristianismo?

Sérgio Ferrara - “Imperador e Galileu” é um texto muito bonito do Ibsen nunca encenado no Brasil, escrito em 1873, que fala sobre a intolerância religiosa. Quando eu estava no “Inimigo do Povo”, eu estava falando sobre o meu Homem Político, o meu lado político. Agora eu queria entrar no meu lado religioso. Sempre explorar um lado meu, também, para poder perceber o mundo de uma forma diferente. Poder fazer com que este



diálogo com a platéia seja rico, e socializar, e receber da platéia também, e das pessoas que estão trabalhando comigo, um outro parecer sobre o que eu poderia pensar sobre o Outro.

A peça é sobre a intolerância religiosa. Juliano existiu realmente, viveu no século IV depois de Cristo. Quando assumiu o Império Romano, a primeira coisa que ele fez foi tentar extinguir a igreja católica como igreja oficial do Estado. E isso causou um escândalo muito grande. Ele baixou algumas leis. Uma delas é que a igreja católica deveria restituir todos os templos pagãos que ela destruiu quando foi elevada a igreja oficial. A igreja católica estava proibida de receber doações em dinheiro. A igreja católica não mais poderia usar o Estado, a infra-estrutura, para poder peregrinar; ou seja, transporte etc. Teria que pagar por isso. Teria que conviver com todos os ritos pagãos que Juliano ia resgatar. Ela não seria a religião exclusiva, seria mais uma entre outras religiões. Isso causou um escândalo enorme na igreja católica. Foi um absurdo muito grande. Juliano governou dois anos e foi assassinado pelos cristãos.

É uma peça que fala sobre a intolerância: até que ponto o meu deus não... Porque o que acontece no mundo de hoje? As pessoas estão matando em nome de Alá, por exemplo. Você mata em nome de Deus. Até que ponto você pode usar Deus para dizer que você está matando o próximo, se não é o poder manipulado novamente, de uma forma próxima do que seria o “Inimigo do Povo”, só que numa escala muito mais destrutiva, porque aí você está lidando com o bélico, para poder aniquilar o próximo? É sempre a intolerância, é sempre o preconceito, é sempre o jogo de interesses. E é sempre o Homem mostrando a sua cara mais feia, o seu lado mais horrível. Em “Juliano e Galileu” eu vou mostrar exatamente isso: até que ponto a intolerância religiosa nos leva a ser preconceituosos.

AURORA - Qual a sua visão da relação entre mídia e política, no contexto da peça “O Inimigo do Povo” e fora dela?

Sérgio Ferrara - Ibsen brinca muito com a imprensa, e é ácido com a imprensa no espetáculo, porque de certa forma ele viveu isso na pele. Quando escreveu “Os espectros”, e falava que a sífilis tinha um fundo hereditário, ele foi escorraçado um bom tempo pela

crítica, pela mídia. Hoje (24/10/2007) tem um artigo muito interessante do Leon Cakoff na Folha de S. Paulo, dizendo que a crítica tem que parar de dizer o que é certo, o que é errado, influenciar o público. O público não precisa mais da crítica para saber o que ele quer ver, porque o público também tem autonomia e ele sabe o que quer ver. Eu acho isso muito interessante porque a crítica, a mídia é importante no momento em que ela joga junto com você. Ela quer criar relações para que o público possa compreender e entender esse universo que está sendo colocado em cena. Porque no teatro não existe certo ou errado. Na arte não existe certo ou errado. Existe vivo e morto. Então você pode perceber, às vezes, uma obra que é confusa do ponto-de-vista do entendimento, mas ela é viva nas sensações que ela te passa. E é isso que interessa. Muitas vezes a mídia é cruel, porque nós vivemos num país onde as pessoas querem viver de eventos sociais, querem aparecer, querem dar autógrafa, querem comer de graça, querem ter permuta, querem aparecer na televisão, querem fazer novela. As pessoas deixam de ser elas para poder agradar e serem aceitas quando, na verdade, elas seriam muito maiores se elas fossem elas mesmas e fossem aceitas pelo que elas tem de dizer de melhor. E não ficar sendo uma espécie de jogo “fake” para poder atingir um espaço de reconhecimento. O reconhecimento de cada um é dado por si mesmo. Não é a mídia que faz isso. Ninguém tem condições de dizer que isso é bom, isso é ruim, porque é bom para mim pode ser péssimo para você. E o que é péssimo para você pode ser ótimo para ela. Então, isso é uma bobagem.

A relação da mídia com a política é muito evoluída. Eu gosto muito da relação. Aliás, tudo que tem acontecido no nosso país hoje, para que essas coisas sejam levantadas e tudo, a mídia é que tem primeiro cutucado bastante. Eu acho riquíssima a relação e percebo o quanto as pessoas ficaram mais atentas e conseguiram criar esse movimento de fazer com que o povo acordasse um pouco mais. Os grandes veículos de comunicação no Brasil, hoje, são um sinal de alerta para as falcatruas que existem em Brasília. Isso é muito bom, também, porque educa o político a ficar mais atento. E a ser mais ético, em relação ao público, e a seu próprio trabalho como político. Ele não está lá para roubar, está lá para ser um homem que representa o coletivo. Eu acho que a mídia hoje tem um papel importantíssimo em relação à política brasileira. E muito bom, muito bom mesmo!

AURORA - Arte e política, a seu ver, constituem universos separados? Que tipo de relação você estabeleceria entre arte e política, entre teatro e política?

Sérgio Ferrara - Arte e política não estão separadas de forma alguma. Nossa Senhora! É maravilhoso! A arte... não está nada separado não. É importantíssimo falar sobre isso. O Leloup fala, de novo, uma coisa bonita. Ele fala assim: cuidar dos deuses dentro da gente, é uma forma de organizar os arquétipos universais que nos farão desenvolver dentro de nós o melhor ou o pior de nós mesmos. Ou seja, alguns códigos éticos importantes que nós precisamos ter para fazer desenvolver, dentro de você, o melhor ou o pior. E isso, por exemplo, tem uma função social, política muito grande. Para mim isso é arte. É você ter um diálogo social muito forte, muito intenso, para que você não fique alienado, achando que ser artista é botar óculos escuros e dar autógrafa. Não tem nada a ver com isso. A nossa função é socializarmos alguns conceitos, debater com a sociedade, abrir o nosso espaço interno para que outras pessoas possam falar, discutir e, ao mesmo tempo, existir uma troca profunda e necessária. Não podemos nos alienar, de forma alguma. Achar que o artista é uma divindade. O artista não é uma divindade. Pelo contrário. Ele é um ser humano como qualquer outro. E o trabalho do artista tem que ter uma troca constante com o social.

Quando eu vejo alguns colegas meus pensando que ser artista é fazer só a novela, eu fico chocado. Porque é muito mais do que isso. É claro que o reconhecimento vem como consequência de um trabalho que você desenvolve na sua vida. Mas, ao desenvolver esse trabalho, você também tem que ter uma postura verdadeira e direta com o mundo que está em torno de você. O Stanislavsky falava uma coisa linda: se você quer transcender a realidade, você deve vivê-la profundamente. Para ser um artista, não tem que fugir da realidade política, social e econômica do seu país. Você tem que entendê-la, conviver com ela e, ao mesmo tempo, ser um portador dessas idéias num nível superior, que é a sua criação artística. Transcender. Exatamente. Quando eu vejo as pessoas todas fechadas, aparecendo nos castelos em Paris, numa tal de uma revista chamada CARAS eu fico chocado, sabe? Porque não somos artistas para comer em restaurante, de graça, nem para ir para castelo em Paris. Isso pode ser até bom, mas é muito mais do que isso. Eu bato

muito na tecla de que no nosso trabalho de artista existe um labor. É como um ofício mesmo. É como um médico, que entra numa sala de cirurgia. Como um arquiteto, como um jornalista, um professor. Tem que parar com essa briga de egos, de veleidades e de vaidades, porque a arte não está nesse espaço. Ela está no espaço do humano, e o humano é infinito como criação.

É muito pouco você achar que você é artista para ter um holofote no seu rosto, porque isso pouco contribui. Pelo contrário: cega os olhos. É o contrário. Você deve ter uma função mesmo de interagir com o mundo. Até porque não viemos aqui para ser repolho, tomate, chuchu. Viemos aqui para ser muito mais do que isso. E é isso que o artista tem que perceber. É tanto, que tem gente que fica frustrada, como artista, porque não entrou em tal rede de televisão. Como se isso fosse a condição “sine qua non” para ele dizer o que ele pensa sobre o mundo. É uma bobagem ele pensar assim. Porque nesse momento em que estamos falando, aqui, agora, tem grandes artistas no Brasil que nós jamais vamos saber quem são. E que nem por isso são menores do que aqueles que aparecem mais. Nem por isso. Eles também estão construindo um universo interessante. É que nós não os conhecemos. Tudo bem. É não pensar no mundo como uma fogueira de vaidades.

E hoje eu fico preocupado, porque a maioria dos atores entra, por exemplo, nas escolas de teatro – não todos – mas já preocupados com a fama, com o sucesso. E não com o Homem. E aí como é que eu vou resgatar o Humano do humano, num ser humano que na verdade destituiu de si mesmo a possibilidade de ser alguém? De estar com ele? De ter o sopro? Quando Deus criou o homem e a mulher, não dizem que ele soprou? Não tem o “sopro divino”? Ele deu o sopro. É esse sopro que nós precisamos para a criação. As pessoas fizeram o contrário. Elas se fecharam e busca algo que é ilusório. Como criar com o véu de Maio no seu rosto, com a ilusão o tempo todo? Passar a vida inteira fazendo coisas que você nem... e aí, um dia você descobre, você podia ter sido muito mais do que aquilo. Então, o artista precisa destituir-se da ilusão. Ele precisa viver a realidade. Viver a realidade está ligado a você viver o quê? O teu país, do ponto-de-vista político, econômico, social. E isso é importante. Sem ser panfletário também! Sem ser o cara chato que fica andando com a bandeira vermelha do PSOL, ou do PT. Porque o próprio PT, que era a nossa esperança, transformou-se no que é hoje. É meio assim: nós, artistas, não

temos cargos públicos. Nós não somos eleitos a deputados, a presidentes, a prefeitos. Nada disso. Nós temos um compromisso com as nossas ideologias de vida. Com o ser humano, com o próximo. E com a evolução da humanidade, que é muito mais importante. Quando eu vejo alguns colegas ocupando cargos, defendendo alguns partidos é muito triste, porque o partido tem um tempo de votação, de mandato. Nós não temos isso. Você é artista por um mês, dois anos. Você é artista a vida inteira. Você não é uma pessoa hoje, ou amanhã. Você é uma pessoa a vida inteira. Então tem que parar com essa coisa. As nossas ideologias... o nosso compromisso é com o humano. E com condição de vida melhor, não só do ponto-de-vista artístico, mas humano mesmo. E isso eu sinto que falta cada vez mais. Falta cada vez mais e a ignorância é cada vez maior. Tem uma palavra ótima para isso... É uma palavra ótima, porque as pessoas estão cada vez mais... Não é burras, para não parecer pretensão. Porque hoje ficou igual, ficou tudo muito... Está triste, é incrível! Não podemos também... As pessoas não gostam de estudar, de ler, de pesquisar. É tudo muito... limitado. Não é nem essa palavra, mas eu vou lembrar depois.

E o artista não pode entrar nisso. Ele é o porta-voz, o elo entre os homens e os deuses. Antigamente, existia o feiticeiro da tribo - eu sempre falo isso – que ia lá, dançava com aquelas coisas todas. E nós sentávamos ao lado dele, e de certa forma ele estava sendo o mensageiro entre os deuses e os homens. Por isso ele usava aquelas roupas estranhas, bonitas. E nós ficávamos apaixonados. Ele dançava, invocava os deuses, e os deuses “desciam” nele e falavam conosco, os mortais. Hoje não existem mais os feiticeiros das tribos, os xamãs, os grandes... mas existem os artistas. Nós somos os porta-vozes dos deuses para os mortais. E isso de uma forma muito poética. Isso é um Van Gogh. Quando você vê um Van Gogh o quê que é senão um semi-deus? Os artistas são semi-deuses. São eles que conversam com os deuses, e depois conversam com os mortais. Então, é muito bonito que haja muita sinceridade no artista, quando acontece a criação. E muita verdade interna. Porque a única coisa que sobrevive é o humano. Medéia sentia a mesma coisa que uma mulher moderna sente, quando é trocada por uma menina mais nova. Só que a Medéia andava a cavalo, e a mulher moderna anda de avião. Mas as duas sentiam a mesma coisa. E, se você pensar bem, é fantástico isso, não é? O mundo ainda continua o mesmo, do ponto-de-vista humano. E é “louco” se você perceber que o avião super-veloz



está aí, olha a evolução da máquina. E nós não evoluímos muito. A tecnologia, que veio depois, evoluiu muito mais do que nós como pessoas. Continuamos mesquinhos, brigando pelo poder. Matando um ao outro, em nome de Deus. Destruindo o próximo, porque que é mais fácil do que aceitar a mudança, o que está para chegar. Temos que fazer um trabalho constante.

Eu vou encerrar com uma coisa que o budismo fala, que é muito bonita, que é assim: a gente passa essa vida inteira fazendo um grande exercício para sermos um pouco melhores, e para termos um acesso a estados alterados de consciência para ajudar o humano. É isso que é mais importante. É só isso.